

## Automedicação e seus impactos na saúde pública do Brasil

### Self-medication and its impacts on public health in Brazil

### La automedicación y sus impactos en la salud pública en Brasil

Recebido: 02/04/2025 | Revisado: 01/05/2025 | Aceitado: 06/05/2025 | Publicado: 09/05/2025

**Gabriela Silva Rezende**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6021-2729>

Faculdade de Medicina de Itajubá, Brasil

E-mail: [gabrielarezendesilva@hotmail.com](mailto:gabrielarezendesilva@hotmail.com)

**Jáder Camilo Pinto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2023-1589>

Faculdade de Medicina de Itajubá, Brasil

E-mail: [jaderqwert@yahoo.com.br](mailto:jaderqwert@yahoo.com.br)

#### Resumo

A automedicação é conceituada como a prática de ingerir substâncias de ação medicamentosa sem o aconselhamento e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado com a intenção de trazer benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas. Este trabalho visa analisar a prevalência da automedicação no Brasil e entender hábitos e padrões de consumo e contexto relacionados a essa prática. A metodologia se baseou em uma revisão bibliográfica com estudos em diversas áreas da saúde para identificar fatores determinantes e consequências da automedicação. Estudos indicam que a prevalência de automedicação no Brasil é mais frequente em mulheres e idosos. Esta prática inadequada pode gerar efeitos e consequências indesejáveis, como doenças iatrogênicas, intoxicações, interações medicamentosas e também mascaramento de doenças evolutivas, sendo um problema para ser prevenido e alertado. Alguns fatores que facilitam a automedicação no país incluem facilidade de acesso aos medicamentos sem prescrição, recomendações de familiares e amigos, além de um grande número de propagandas de produtos farmacêuticos que vendem a ideia de "bem-estar" após o uso do produto. Diante das evidências levantadas na literatura, a automedicação no Brasil é uma prática disseminada que requer atenção das autoridades, e trabalhadores da saúde para promover o uso racional de medicamentos e conscientizar a população da gravidade da automedicação.

**Palavras-chave:** Automedicação; Impactos; Fatores de risco; Brasil.

#### Abstract

Self-medication is defined as the practice of taking medicinal substances without the advice and/or supervision of a qualified health professional with the intention of bringing benefits in the treatment of diseases or relief of symptoms. This study aims to analyze the prevalence of self-medication in Brazil and understand habits and patterns of consumption and context related to this practice. The methodology was based on a literature review with studies in several areas of health to identify determining factors and consequences of self-medication. Studies indicate that the prevalence of self-medication in Brazil is more frequent among women and the elderly. This inappropriate practice can generate undesirable effects and consequences, such as iatrogenic diseases, poisoning, drug interactions and also masking of progressive diseases, becoming a problem to be prevented and warned about. Some factors that facilitate self-medication in the country include easy access to over-the-counter medications, recommendations from family and friends, and a large number of pharmaceutical product advertisements that sell the idea of "well-being" after using the product. Given the evidence gathered in the literature, self-medication in Brazil is a widespread practice that requires attention from authorities and health workers to promote the rational use of medications and raise awareness among the population about the seriousness of self-medication.

**Keywords:** Self-medication; Impacts; Risk factors; Brazil.

#### Resumen

La automedicación se define como la práctica de ingerir sustancias medicinales sin el consejo y/o seguimiento de un profesional de la salud calificado con la intención de obtener beneficios en el tratamiento de enfermedades o alivio de síntomas. Este trabajo tiene como objetivo analizar la prevalencia de la automedicación en Brasil y comprender los hábitos y patrones de consumo y el contexto relacionado con esta práctica. La metodología se basó en una revisión bibliográfica con estudios en diferentes áreas de la salud para identificar factores determinantes y consecuencias de la automedicación. Estudios indican que la prevalencia de la automedicación en Brasil es más frecuente entre mujeres y ancianos. Esta práctica inadecuada puede generar efectos y consecuencias indeseables, como enfermedades iatrogénicas, intoxicaciones, interacciones medicamentosas y también enmascaramiento de enfermedades progresivas, convirtiéndose en un problema que necesita ser prevenido y advertido. Algunos factores que facilitan la automedicación en el país incluyen el fácil acceso a medicamentos de venta libre, recomendaciones de familiares y

amigos y una gran cantidad de anuncios de productos farmacéuticos que venden la idea de "bienestar" después de usar el producto. Dada la evidencia planteada en la literatura, la automedicación en Brasil es una práctica generalizada que requiere atención de las autoridades y trabajadores de salud para promover el uso racional de los medicamentos y concientizar a la población sobre la gravedad de la automedicación.

**Palabras clave:** Automedicación; Impactos; Factores de riesgo; Brasil.

## 1. Introdução

A automedicação é o processo de ingerir medicamentos sem prescrição e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado com o intuito de trazer benefícios e melhora para o doente. O número crescente no Brasil se dá a diversos fatores como o fácil acesso aos medicamentos sem necessidade de prescrição, a indústria com propagandas massivas que vendem o bem-estar após a ingestão dos remédios, indicação de amigos e familiares que tiveram a mesma doença e difícil acesso aos atendimentos médicos em determinadas regiões (Arrais et al., 1997).

A prática de se automedicar necessita de cuidados devido aos preocupantes impactos que a mesma pode causar como intoxicações medicamentosas, causadas por mecanismos complexos, com relação a processos farmacocinéticos e farmacodinâmicos envolvidos, com características individuais, que pode causar a morte pela toxicidade dos medicamentos em uso. Além disso, pode ocorrer interações medicamentosas, deixando remédios consumidos simultaneamente com baixa eficácia e resistência bacteriana (Ferreira et al., 2021).

Através da mídia televisiva e outros canais de comunicação há propagandas que incentivam a prática do uso de medicamentos. Essas ações geram um atraso na busca de aconselhamento médico, culminando para os mascaramentos de doenças importantes como úlceras pépticas, câncer gástrico, meningites, tumores, etc... Ademais, existe outro risco com a prática da automedicação que é a dependência e abuso de certos medicamentos, como o uso crônico de benzodiazepínicos sem diagnóstico plausível para o uso do fármaco que gera o alívio do estresse e ansiedade (Costa Junior et al., 2022; Menezes et al., 2021).

É fundamental que a população conheça os riscos e impactos da automedicação de forma clara e busque sempre profissionais de saúde qualificados para entender sinais e sintomas que prescrevem de forma correta e segura medicamentos e suas respectivas dosagens sempre visando o bem-estar do paciente e o risco de dependência do fármaco. Dessa forma, é evitado auto diagnósticos incorretos, atrasos na busca de médicos, reações adversas, interações medicamentosas, dosagens incorretas, mascaramentos de doenças graves e dependência. Este trabalho visa analisar a prevalência da automedicação no Brasil e entender hábitos e padrões de consumo e contexto relacionados a essa prática. (Beckhauser et al., 2010; Domingues et al., 2017; Xavier et al., 2021).

## 2. Metodologia

O presente estudo é de natureza qualitativa (Pereira et al., 2018) e apresenta um tipo de revisão bibliográfica narrativa (Casarin et al., 2020; Snyder, 2019; Rother, 2007). A pesquisa a partir dos trabalhos científicos se orientou por estabelecer uma conexão com as diversas áreas das ciências médicas que dialogam com a questão da automedicação no Brasil. O critério de seleção dos estudos utilizados no trabalho, se baseou em estudos clássicos e recentes para que fosse possível não apenas um balanço do quadro atual sobre o tema, mas também que fosse possível averiguar a progressão histórica e o caminho percorrido pelas pesquisas desenvolvidas a respeito do tema.

A partir da seleção e leitura dos artigos definiu a questão que orienta o trabalho: “Quais são os fatores determinantes e as consequências da automedicação no Brasil, e como as estratégias de conscientização e políticas públicas podem contribuir para a promoção do uso racional de medicamentos?”

Para responder essa questão a pesquisa se baseou na busca de trabalhos científicos que continham os seguintes descritores: automedicação no brasil, consequências da automedicação, políticas públicas de saúde, doenças iatrogênicas e comportamento de saúde e automedicação. Realizou-se um levantamento bibliográfico por meio de buscas eletrônicas nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar e National Library of Medicine (PubMed).

A busca foi realizada a partir de buscadores digitais inicialmente a partir dos descritores apresentados em inglês e português desde que disponíveis de forma integral para consulta online. Posteriormente, optou-se na seleção artigos científicos, em língua portuguesa, que permitisse uma discussão embasada sobre automedicação no Brasil e um panorama histórico do tema dentro de áreas correlatas com o objetivo de identificar e mapear os principais grupos afetados pela prática bem como sua evolução ao longo dos anos.

### 3. Resultados e Discussão

Foram incluídos 20 artigos para análise final. O Quadro 1 descreve o estudo, objetivo, resultado e a conclusão dos textos selecionados.

**Quadro 1 - Síntese dos estudos incluídos.**

Estudo	Objetivo	Resultado	Conclusão
Arrais PS et al.	Traçar um perfil da automedicação através da análise da procura de medicamentos em farmácias sem prescrição médica ou aconselhamento do farmacêutico/balconista.	- Foram solicitadas 5.332 especialidades farmacêuticas (785 diferentes princípios ativos), sendo 49,5% combinações em dose fixas, 53,0% de valor intrínseco não elevado, 44,1% sujeitos a prescrição médica, 71,0% não essenciais e 40,0% baseados em prescrições médicas anteriores. - Os medicamentos mais solicitados foram analgésicos (17,3%), descongestionantes nasais (7,0%), antiinflamatório/antireumático e anti-infecciosos de uso sistêmico, ambos com 5,6%.	Os dados sugerem que a automedicação no Brasil reflete as carências e hábitos da população, é consideravelmente influenciada pela prescrição médica e tem a sua qualidade prejudicada pela baixa seletividade do mercado farmacêutico.
Arrais PS et al.	Analisar a prevalência e os fatores associados à utilização de medicamentos por automedicação no Brasil.	A prevalência da automedicação no Brasil foi de 16,1% (IC95% 15,0–17,5), sendo maior na região Nordeste (23,8%; IC95% 21,6–26,2). Após análise ajustada, automedicação mostrou-se associada a ser do sexo feminino, pertencer às faixas etárias 10-19 anos, 20-29 anos, 40-59 anos e 60 anos ou mais, residir na região Norte, Nordeste ou Centro-Oeste, e ter uma ou duas ou mais doenças crônicas.	A automedicação é prática corrente no Brasil e envolve, principalmente, o uso de medicamentos isentos de prescrição, devendo os usuários ficarem atentos aos seus possíveis riscos.
Cascaes EA et al.	Avaliar a automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade localizados em uma cidade do sul do Brasil.	Dos 77 idosos entrevistados, 87,0% foram mulheres, com idade média de 69,9 anos, viúvos (51,9%) e com baixo grau de instrução. Estes possuíam diversos problemas de saúde (3,5) e utilizavam em média 4,1 (DP=2,48) medicamentos. A maioria (80,5%) se automedicava, em especial com medicamentos de venda livre (analgésicos) e por plantas medicinais. Sendo estas alternativas adotadas principalmente pela praticidade e pelo fato dos problemas de saúde serem considerados simples. A influência descrita pelos idosos para esta prática é principalmente exercida pelos amigos, vizinhos e familiares (55,9%). Não foi observado associação entre o perfil dos idosos e a automedicação.	Os idosos mesmo sendo uma população polimedicada realizam a automedicação sem a orientação de profissionais da saúde, adotando principalmente plantas medicinais e medicamentos de venda livre por considerarem mais prático para o manejo dos problemas de saúde que identificam como simples.
Ferreira FD et al.	Verificar quais os medicamentos mais utilizados na automedicação e analisar quais os fatores que levam a automedicação.	Neste estudo a prevalência da automedicação foi vista no público feminino com 64%, com idade acima de 60 anos, seguida por pessoas casadas com 51,6%, com nível escolar fundamental completo 53,8%, possuindo renda de até três salários mínimos 46%. Os medicamentos analgésicos/antitérmicos representaram 50% do uso, seguido por 35% de anti-inflamatórios não esteroidais, 4% antibacterianos de uso sistêmico e 4% dos medicamentos antigripais. Entre os fatores da automedicação os receituários antigos representam 13% das compras dos medicamentos, seguida por experiência anterior com o medicamento 12%, venda realizada no balcão da farmácia 12%, indicação da família 10% e entre outras causas.	Observou-se que a prática da automedicação na população brasileira teve a influência dos seguintes fatores: prescrição de receituários antigos, experiência do uso do medicamento e recomendações dos balconistas. Medicamentos analgésicos/antitérmicos, antiinflamatórios AINES e antibacterianos de uso sistêmico são os mais utilizados.

Santos GG et al.	Realizar uma revisão integrativa sobre o panorama da automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil.	Foi constatado, que no caso dos estudantes de medicina e enfermagem, a automedicação é influenciada pela progressão do acadêmico ao longo do curso e que, embora tenha malefícios reconhecidos, a automedicação desenvolve um papel importante ao colaborar para o descongestionamento do sistema público de saúde, auxiliando na resolução de problemas simples, que não requerem o acompanhamento médico.	A automedicação não é uma prática que deva ser eliminada, mas utilizada com cautela e orientações corretas, entretanto, é necessário modificar os paradigmas na formação acadêmica para a formação de profissionais mais qualificados visando a segurança do paciente.
Jesus AP et al.	Avaliar a prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia no Brasil e em uma universidade em Portugal.	Após análise dos resultados concluiu-se que os acadêmicos de medicina realizavam a prática da automedicação com maior frequência (94,55%), seguidos dos do curso de odontologia (93,18%). O grupo de medicamentos mais utilizados pelos acadêmicos foram analgésicos, antitérmicos e fármacos para resfriados e gripes.	A automedicação é uma prática bastante comum nas faculdades, entre os acadêmicos da área da saúde. Fatores como nível de conhecimento, confiança, facilidade de acesso a medicamentos, condição financeira, aconselhamento de terceiros, ansiedade em obter alívio rápido, campanhas publicitárias persuasivas e em alguns casos a precariedade dos serviços de saúde interferem significativamente na hora de adotar a automedicação.
Iuras A et al.	Verificar se esta prática é comum entre estudantes universitários da área de saúde da Universidade Estadual do Amazonas (Brasil).	Quando perguntados se já fizeram uso de medicamentos sem prescrição médica, 89% dos estudantes universitários responderam sim e apenas 11% responderam não. Dor de cabeça, dores musculares, dor de garganta, febre, inflamações foram as principais queixas que levaram à prática de automedicação. Analgésicos/antipiréticos, anti-inflamatórios, antibióticos e relaxantes musculares representaram as principais classes de medicamentos utilizados para aliviar tais sinais e sintomas.	Medidas preventivas e educativas devem ser aplicadas, contribuindo para a diminuição dos riscos causados pela automedicação, e, conseqüentemente, conscientizar os futuros profissionais em relação ao perigo que certos medicamentos podem representar.
Domingues PH et al.	Estimar a prevalência e investigar fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal, Brasil.	Entrevistaram-se 1.820 pessoas, das quais 646 usaram pelo menos um medicamento; a prevalência da automedicação foi de 14,9% (IC95%: 12,6%;17,5%); a análise ajustada apontou associação negativa em pessoas na idade de 50 a 65 anos (RP=0,26; IC95%: 0,15;0,47) e com doenças crônicas (RP=0,38; IC95%: 0,28;0,51); adultos com dificuldades na prática de atividades cotidianas (RP=2,25; IC95%: 1,43;3,53) realizaram mais automedicação.	A automedicação foi maior em adultos jovens e naqueles com dificuldades na realização de atividades cotidianas.
Melo JR et al.	Entender a automedicação como problema imputado somente aos consumidores desses medicamentos é um equívoco. Existem múltiplos condicionantes e muitos outros atores envolvidos promovendo a prática de uma automedicação estimulada pela mídia e autoridades.	Com novas análises realizadas com os dados das notificações de suspeitas de RAM em pacientes com COVID-19, atualizadas até dezembro de 2020, foi possível verificar que a partir de setembro de 2020 houve uma redução importante no registro dos medicamentos hidroxiquina e cloroquina no banco de dados em pacientes internados por COVID-19, seja como suspeito de RAM ou de uso concomitante	As pesquisas que identificam o aumento das vendas desses medicamentos que inclui a hidroxiquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D, revelam o potencial do consumo durante a fase mais crítica da pandemia no Brasil. Podemos supor que, pelo menos parte desse excesso de consumo tenha ocorrido por automedicação, visto que no Brasil 79% das pessoas com mais de 16 anos admitem tomar medicamentos sem prescrição médica.
Xavier MS et al.	Analisar a prática da automedicação na sociedade brasileira e entender os riscos e complicações mais frequentes dessa prática.	Percebeu-se uma heterogeneidade do perfil dos grupos que fazem automedicação. Os grupos etários predominantes foram universitários, jovens adultos e crianças por influência dos pais. Houve, ainda, uma relativa predominância do sexo feminino nos achados.	Percebe-se que a prevalência de automedicação no Brasil caracteriza-se como um agravo de saúde pública e que as classes mais afetadas são pessoas mais jovens, e de alta escolaridade. Todavia políticas públicas vêm contribuindo para a diminuição dessa prática sobretudo em classes de maiores fatores de risco como os idosos.
Beckhauser GC et al.	Conhecer a automedicação em crianças moradoras de uma cidade da região Sul do Brasil.	Entrevistaram-se os responsáveis pelas crianças em 83 domicílios. Foram coletadas informações de 121 crianças (seis meses a 14 anos). Dos entrevistados, 75% afirmaram já ter praticado a automedicação, sendo as mães responsáveis por 95% desses casos. Quanto às situações que motivaram a automedicação, praticidade (88%), febre (58%) e dor (12%) foram as mais relatadas. O paracetamol (45%) e a dipirona (15%) foram os fármacos mais utilizados. A análise estatística evidenciou associação entre a reutilização de antigas	A automedicação é uma prática frequente na população investigada, sendo geralmente mais comum em crianças de até sete anos e realizada principalmente pelas mães; esse fato sugere a necessidade de promover educação em saúde que vise à promoção do uso racional de medicamentos.

		prescrições e a idade da criança inferior a sete anos, bem como entre a utilização de medicamentos sem prescrição de profissional habilitado e morar em domicílios com mais de quatro pessoas.	
Fernandes WS et al.	Enfatizar questões sobre a automedicação, o uso irracional de medicamentos e, ainda, demonstrar a importância do profissional farmacêutico no combate a essas práticas.	Classes mais envolvidas no processo de automedicação: Analgésicos 30% e antipiréticos 29%. Os fatores que mais induziram à automedicação: Dor 38,3%, febre 24,4%, distúrbios intestinais 8,0%. Os fármacos mais envolvidos no processo de automedicação por idosos foram os analgésicos (30,8%).	Analisando os dados encontrados sobre automedicação e o uso irracional de medicamentos e as classes citadas nas pesquisas, podemos inferir que a prescrição farmacêutica apresenta-se como ferramenta de segurança, garantindo aos pacientes o uso correto de medicamentos, sendo o principal beneficiado da atuação farmacêutica a população brasileira.
Cruz ED et al.	Investigar a prevalência da automedicação em universitários da área de saúde e de humanas.	Verificou-se que 41% dos entrevistados são do sexo masculino (16% da área da saúde e 25% da área de humanas) e 59% do sexo feminino (38% da área da saúde e 21% da área de humanas), sendo que apenas 46% possuem plano de saúde e 74% desse total de jovens exercem atividade laborativa, fato já esperado tendo-se em vista que os cursos noturnos atraem mais o público que trabalha no horário comercial.	Os dados obtidos permitiram influir que os graduandos da área de humanas se automedicaram em menor escala quando comparado aos graduandos na área de saúde. Possivelmente, isto se deve ao fato de que os estudantes da área da saúde possuem maior conhecimento e acesso aos medicamentos, levando-os a crer que o conhecimento que possuem é suficiente para a automedicação responsável, o que nem sempre é verdadeiro.
Silva YA et al.	Investigar na literatura as principais consequências da automedicação em idosos.	A automedicação coloca em risco a saúde da população idosa. Essa prática pode acentuar os riscos que estão relacionados aos medicamentos prescritos, retardar o diagnóstico adequado e mascarar uma doença.	Na maioria das vezes, os idosos têm grande dificuldade de “memorizar” e “gravar” a forma que deve fazer a ingestão de medicamentos (posologia), devido a problemas relacionados à visão, dificuldade de gravar a hora em que o medicamento deve ser tomado, entre outras dificuldades. Esses fatores aumentam o risco do idoso fazer o uso do medicamento de forma errada, podendo acarretar várias consequências para o seu organismo, gerando uma interação medicamentosa.
Costa Júnior VS et al.	Estimar, através de referências e artigos científicos, os impactos causados pela mídia e pelas publicidades de medicamentos, bem como esses fatores aumentam a prática de automedicação, identificando os riscos de saúde que a mesma pode ocasionar na população.	Conforme os principais achados, percebe-se que a automedicação é um hábito social e não apenas farmacológico pelo fato de se manifestar a partir de comportamentos sociais de determinados grupos. Nessa perspectiva, a automedicação é um grande problema para a saúde e constitui um desafio para diversos países.	O farmacêutico desempenha um papel importante na oferta de medição para evitar o uso irracional de drogas, ser um especialista que pretenda prestar assistência médica, de acordo com lei e código de conduta, serviços de garantia, e acesso a medicamentos, atendimento administrativo especializado e consciência dos perigos das reações adversas, interações medicamentosas e dependência de drogas. Nesse sentido, o farmacêutico é considerado um promotor de saúde e deve fornecer informações ao usuário que escolherá o melhor produto prevenção e tratamento de doenças, principalmente quando o paciente opta pela prática da automedicação. O farmacêutico também é responsável identificar sinais e sintomas de problemas de saúde e tomar decisões, aconselhar o encaminhamento do paciente a um médico.
Silva LG et al.	Identificar na literatura as evidências científicas sobre a prática de automedicação entre mulheres brasileiras no período gravídico.	Através da análise dos artigos selecionados, evidenciou-se que a automedicação é uma conduta presente e perigosa entre as gestantes do Brasil, que não se restringe somente ao consumo de medicamentos, mas envolve também, o uso de plantas medicinais.	Através do estudo, foi possível evidenciar na literatura a presença da automedicação entre mulheres brasileiras no período gravídico, ficando o alerta para as equipes de saúde, dentre elas ao profissional enfermeiro, para estimular a promoção da saúde através das práticas integrativas e complementares em saúde e ações educativas de prevenção da automedicação.
Ramires RO et al.	Estimar a prevalência, os motivadores e os fatores associados à automedicação	A amostra foi de 1.365 usuários, com prevalência do desfecho de 55% (IC 95%: 53-58), sendo esta maior em mulheres (RP=1,33; IC 95%: 1,17-1,52), adultos (RP=1,27; IC 95%:	Verificou-se prevalência importante de automedicação, especialmente em mulheres, jovens e com maior escolaridade.

	em adultos e idosos atendidos na Atenção Primária à Saúde (APS).	1,14-1,41) e naqueles com 12 anos ou mais de estudo (RP=1,22; IC 95%: 1,09-1,37). Os principais motivadores foram dor (89%), gripe, resfriado e dor de garganta (18,9%) e febre (6,9%).	Considerando os riscos, destaca-se a necessidade de políticas públicas para prevenir o uso indiscriminado de medicamentos.
Pfaffenbach G.	Analisar as implicações da automedicação em crianças, com ênfase nas práticas de consumo inadequado de medicamentos, e explorar as possíveis consequências para a saúde pública.	O tema da automedicação em crianças tem sido abordado na literatura, mas carecem estudos que ampliem sua análise e permitam demonstrar intervenções efetivas.	A frequência da automedicação em crianças tem se mostrado elevada em vários estudos(6,11-18) e é fator preocupante quando parcela importante dessa população não recebe atenção adequada por parte dos serviços de saúde, ficando o cuidado restrito às decisões do cuidador.
Menezes AS et al.	Realizar uma revisão da automedicação como uma problemática ainda existente em meio à realidade contemporânea.	No que tange à automedicação, vê-se que os índices são maiores em indivíduos com maior escolaridade, principalmente entre os estudantes da área da saúde. Esse fator é observado por causa do conhecimento mais aprofundado sobre a doença e o medicamento para o seu tratamento.	Percebe-se a necessidade de mais produções científicas que abordem essa temática, de modo que permitam uma melhor avaliação não só quantitativa, como também qualitativa referente ao perfil prevalente de indivíduos que se automedicam a partir de fatores como, por exemplo, sexo e faixa etária. Assim, será possível, uma discussão mais adequada à questão, bem como a elaboração de trabalhos futuros.
Sereno VM et al.	Descrever o perfil das intoxicações medicamentosas no Brasil no período de 2013 a 2017	Constatou-se que a intoxicação por medicamentos se torna cada vez mais frequente, com destaque no ano de 2016, esse foi o que mais apresentou notificações, correspondendo a 32.311 de casos no Brasil. O sexo feminino foi o mais expressivo em casos de intoxicação registrada, com destaque nos três anos analisados, por outro lado, as crianças de 01-04 anos constituíram a faixa etária mais assídua nos anos analisados.	Deste modo, as intoxicações medicamentosas configuram um problema generalizado, e quem faz o destas regularmente está propenso a essa situação, profissionais de saúde devem contribuir para minimizar o uso irracional e possíveis agravos à saúde correlacionados aos medicamentos.
Santos GC et al.	Discorrer acerca da temática relacionada aos riscos da automedicação, destacando a importância da prescrição farmacêutica.	Quando utilizados de maneira incorreta, os medicamentos podem acarretar a piora de uma doença, tendo em vista que seu uso pode esconder certos sintomas. No caso dos antibióticos, o abuso desses produtos pode colaborar para o aumento da resistência de alguns microrganismos, comprometendo a eficácia de tratamentos. A combinação inadequada de medicamentos também pode fazer com que um anule ou potencialize os efeitos do outro.	A prescrição farmacêutica é fundamental para evitar com que as pessoas optem pela automedicação, visto que através dela terão o auxílio de um profissional qualificado, que possui vasto conhecimento no uso de medicamentos, indicando a utilização dos melhores para cada caso, com a correta orientação de como ingeri-los com segurança.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

### 3.1 Prevalência da automedicação

Os estudos sobre a automedicação no Brasil garantiram uma reflexão aprofundada sobre a prevalência dessa prática em variados segmentos da sociedade. A variedade de informações recolhidas nas análises das pesquisas científicas corresponde aos diferentes métodos e abordagens utilizadas nas pesquisas.

Pode-se afirmar que há, entre os autores analisados, um consenso a respeito da prevalência da automedicação sem acompanhamento específico no Brasil. Segundo os dados investigados, obteve-se o resultado de que 16,1 % da população brasileira faz uso da prática da automedicação, tendo uma maior prevalência em indivíduos do sexo feminino, na faixa etária entre 20 e 39 anos, com maior predominância na região nordeste, entre os que tinham um ou mais doenças crônicas e que foram hospitalizados no ano referente a pesquisa (Arrais et al., 2016).

Os trabalhos encontrados apresentam um padrão, ainda que os dados sofram pequenas variações, demonstrando maior prevalência da automedicação em relação às mulheres e idosos (Ferreira et al., 2021; Ramires et al., 2022). A relação da prática entre as mulheres pode ser explicada parcialmente pela posição atribuída ao papel social tradicionalmente atribuído a mulheres de cuidado com a família (Cruz et al., 2019). Quanto aos idosos, o uso guarda relação com o fato de que na terceira idade os indivíduos estão mais propensos a desenvolver doenças crônicas, principalmente ligado ao sistema cardiovascular e nervoso (Cascaes et al., 2008).

No entanto, a automedicação não se resume a essa parcela da população e também está muito presente na população jovem e universitária. Um estudo realizado com alunos da graduação nas áreas de saúde e na área de humanas. Constatou-se que houve pouca variação entre os cursos, com os resultados obtidos de que 78% da comunidade acadêmica que participou da pesquisa seja adepto da automedicação. Não houve variações significativas entre os participantes das áreas de humanas e saúde. No que diz respeito aos estudantes da área de saúde, em uma pesquisa realizada entre acadêmicos da Universidade do Estado do Amazonas, o número alcançou o resultado expressivo de 89% de alunos adeptos à prática de automedicação (Cruz et al., 2019).

Estudos sugerem que a prática da automedicação utilizada por acadêmicos e profissionais da saúde se relaciona com o nível de conhecimento, confiança a respeito dos efeitos e a facilidade de acesso a medicamentos também contribua para que estes indivíduos se utilizem massivamente da prática de automedicação (Xavier et al., 2021).

### **3.2 Fatores associados à automedicação**

O fato da prática da automedicação ser disseminada se vincula com diversas questões de ordem política, econômica e social. Por exemplo, um estudo feito com grupos de idosos no Brasil, verificou um alto índice e apurou que a influência para a prática entre os idosos, se exerceu principalmente através de amigos, vizinhos e familiares (Menezes et al., 2021).

A família também está vinculada à influência do uso da automedicação em crianças de até sete anos principalmente através das mães, o que também reforça a necessidade de promoção da educação a respeito dos riscos oriundos do uso indiscriminado de medicamentos e suas reações químicas (Ramires et al., 2022).

A prática de automedicação também pode ser explicada pelo difícil acesso a serviços de saúde especializados, a pressão de uma sociedade consumista e a influência de familiares, amigos e até da mídia contribuem para o aumento da automedicação, principalmente entre os mais vulneráveis, como idosos e crianças. A falta de conhecimento adequado sobre os riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos, aliado à confiança excessiva em diagnósticos próprios, torna a automedicação uma prática recorrente

É importante ressaltar que a prevalência da automedicação no Brasil também está relacionada à dificuldade de orientação especializada disponível e que atenda a todos os casos. Ademais, deve se pontuar o papel da mídia na promoção e divulgação de publicidades de medicamentos, que diante de situações de dificuldades de acessar serviços de atendimento, contribui para que os indivíduos associem os sintomas com a medicação divulgada e passe a consumir medicamentos através de uma lógica vinculada à sociedade de consumo (Cascaes et al., 2008).

### **3.3 Principais medicamentos utilizados na automedicação**

Com base nos diversos estudos analisados se verifica um padrão de consumo no que diz respeito a prática de automedicação no Brasil. De acordo com essa pesquisa, os medicamentos analgésicos lideram o ranking de consumo entre a população, principalmente consumido sem prescrição médica ou farmacêutica. Dentre estes grupos, o principal princípio ativo dos fármacos mais utilizados são paracetamol e dipirona (Arrais et al., 1997; Ramires et al., 2022; Domingues et al., 2017).

As causas mais prevalentes do uso destes medicamentos se vinculam aos seguintes sintomas: dor, gripe, dor de garganta e febre. Esses sintomas podem estar relacionados a diversos tipos de enfermidades e doenças mais sérias que por vezes ficam encobertas durante longos períodos pela prática da automedicação, que se muitas vezes alivia os sintomas no momento, pode mascarar problemas mais graves que quando são descobertos podem afetar de forma significativa a saúde do indivíduo enfermo e dificultar o trabalho dos profissionais da saúde (Costa Junior et al., 2022).

Os antibióticos são fundamentais no combate a infecções bacterianas, mas seu uso inadequado tem levado ao aumento da resistência microbiana, um problema de saúde pública global. A resistência microbiana ocorre quando bactérias sofrem mutações e se tornam imunes aos efeitos dos antibióticos, tornando infecções simples mais difíceis de tratar (Cruz et al., 2019).

Além disso, o consumo indiscriminado de medicamentos, como os benzodiazepínicos, pode levar à tolerância e dependência, reduzindo sua eficácia no tratamento de transtornos ansiosos e insônia. No Brasil, os medicamentos são responsáveis pela maioria das intoxicações humanas, evidenciando a necessidade de maior controle sobre seu uso e dispensação (Arrais et al., 2016).

#### 4. Conclusão

A prevalência da automedicação no Brasil tem sido um tema amplamente discutido nas pesquisas científicas, evidenciando um fenômeno crescente entre a população, que abrange diversos grupos sociais e faixas etárias. A prática da automedicação aparece como uma realidade significativa, especialmente entre mulheres, pessoas com doenças crônicas, idosos e até mesmo entre estudantes universitários. Apesar das variações nos dados apresentados, observa-se um padrão comum: a automedicação é uma prática bastante disseminada, e seu aumento ao longo dos anos, como demonstrado por pesquisas recentes, revelam um quadro preocupante para a saúde pública. O uso de medicamentos sem a orientação de profissionais qualificados representa um risco potencial à saúde, mascarando sintomas e até mesmo agravando condições médicas.

Sendo assim, é essencial que se amplie a conscientização sobre os riscos da automedicação e que políticas públicas de educação em saúde sejam implementadas, a fim de reduzir essa prática. A formação de profissionais de saúde e a melhoria no acesso à assistência médica também são aspectos fundamentais para combater esse problema. A automedicação, ao ser realizada sem a devida orientação, pode não apenas prejudicar a saúde individual, mas também sobrecarregar o sistema de saúde, que muitas vezes terá que lidar com consequências graves que poderiam ser evitadas com um tratamento adequado desde o início. Assim, torna-se urgente a adoção de estratégias eficazes para reverter esse cenário, priorizando a prevenção, a educação e o acompanhamento profissional no cuidado à saúde da população.

#### Referências

- Arrais, P. S., Coelho, H. L., Batista, M. D., Carvalho, M. L., Righi, R. E. & Arnau, J. M. (1997). Perfil da automedicação no Brasil. *Rev Saude Publica*. 31(1), 71-7. <https://doi.org/10.1590/s0034-89101997000100010>.
- Arrais, P. S., Fernandes, M. E. P., da Silva Dal Pizzol, T., Ramos, L. R., Mengue, S. S., Luiza, V. L. et al. (2016). Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saude Publica*. 50 (supl 2), 13s.
- Beckhauser, G. C., Souza, J. M., Valgas, C., Piovezan, A. P. & Galato, D. (2010). Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Rev Paul Pediatr*. 28(3), 262-8. <https://doi.org/10.1590/s0103-05822010000300002>.
- Casarin, S. T. et al. (2020). Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*. 10(5). <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924>.
- Cascaes, E. A., Falchetti, M. L. & Galato, D. (2008). Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. *Arq Catarin Medicina*. 37(1), 63-9.
- Costa Junior, V. S., Oliveira, A. L. & Amorim, A. T. (2022). Automedicação influenciada pela mídia no Brasil. *Res Soc Dev*. 11(8), e11011830678. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30678>.
- Cruz, E. D., Silva, I. D., Augusto, V. & Coelho, A. (2019). Incidência da automedicação entre jovens universitários da área de saúde e humanas. *Rev Saude Unioledo*. 3(1), 2-12. <https://wyden.periodicoscientificos.com.br/index.php/saude/article/view/432/347>
- Domingues, P. H., Galvão, T. F., Andrade, K. R., Araújo, P. C., Silva, M. T., Pereira, M. G., Domingues, P. H., Galvão, T. F., Andrade, K. R., Araújo, P. C., Silva, M. T. & Pereira, M. G. (2017). Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epidemiologia Serv Saude*. <https://doi.org/10.5123/s1679-49742017000200009>.
- Ferreira, F. D., Luna, G. G., Izel, I. C. & Almeida, A. C. (2021). O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática/ The impact of the practice of self-medication in Brazil: Systematic Review. *Braz Appl Sci Rev*. <https://doi.org/10.34115/basrv5n3-016>.

- Fernandes, W. S. & Cembraneli, J. C. (2015). Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. *Rev Univap*. <https://doi.org/10.18066/revistaunivap.v21i37.265>.
- Iuras, A., Franco Marques, A. A., da Fonseca Roberti Garcia, L., Santiago, M. B. & Lima Santana, L. K. (2016). Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). *Rev Port Estomatol Medicina Dent Cir Maxilofac*. <https://doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.01.001>.
- Jesus, A. P., Yoshida, N. & Freitas, J. G. (2013). Prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia. *Estudos*. 40(2). DOI: <https://doi.org/10.18224/est.v40i2.2718>.
- Melo, J. R., Duarte, E. C., Moraes, M. V., Fleck, K. & Arrais, P. S. (2021). Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cad Saude Publica*. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00053221>.
- Menezes, A. S., Bonanni, I. A., Souza, M. D., Carneiro, S. V., Alves, S. M., Oliveira, T. A. & Souza, M. B. (2021). A automedicação da população mundial: uma revisão integrativa. *Res Soc Dev*. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18660>.
- Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free e-book]. Santa Maria/RS. Ed. UAB/NTE/UFSM. Pfaffenbach, G. (2010). Automedicação em crianças: um problema de saúde pública. *Rev Paul Pediatr*. <https://doi.org/10.1590/s0103-05822010000300001>.
- Ramires, R. O., Lindemann, I. L. & Acrani, G. O. G. (2019). Automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde: motivadores e fatores associados. *Semina*. <https://doi.org/10.5433/1679-0367.2022v43n1p75>.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paul. Enferm*. 20(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- Santos, G. G., Souza, I. S., Trega, K. R. & Salomão, P. E. (2023). Os riscos da automedicação: a importância da prescrição farmacêutica. *Rev Multidiscip Nordeste Mineiro*. 4(1). <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1271>
- Santos, T. M., Zattar, T. A., Alencar, B. T., Aleixo, M. L., Costa, B. M. & Lemos, L. M. (2022). Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. *Res Soc Dev*. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i2.13760>
- Sereno, V. C., Silva, A. S. & Silva, G. C. (2017). Perfil epidemiológico das intoxicações por medicamentos no Brasil entre os anos de 2013 a 2017. *Brazilian Journal of Development*. 6(6), 33892–903. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n6-079>.
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of business research*, 104, 333-339.
- Trebien, H. A. (2011). Medicamentos – benefícios e riscos com ênfase na automedicação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. [http://farmacologia.bio.ufpr.br/posgraduacao/Professores/Herbert\\_trebien\\_arq/Medicamentos\\_automedicacao.pdf](http://farmacologia.bio.ufpr.br/posgraduacao/Professores/Herbert_trebien_arq/Medicamentos_automedicacao.pdf).
- Xavier, M. S., Castro, H. N., Souza, L. G., Oliveira, Y. S., Tafuri, N. F. & Amâncio, N. D. (2021). Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura / Self-medication and health risk: a literature review. *Braz J Health Rev*. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-020>. 10)